

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO**

CLAUDENISE MONTEIRO SILVEIRA

MEMÓRIAS DE MEU PAI: UM DIÁLOGO COM A ARTE

CRICIÚMA

2014

CLAUDENISE MONTEIRO SILVEIRA

MEMÓRIAS DE MEU PAI: UM DIÁLOGO COM A ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof^a Izabel Marcílio Duarte

CRICIÚMA

2014

CLAUDENISE MONTEIRO SILVEIRA

MEMÓRIAS DE MEU PAI: UM DIÁLOGO COM A ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 26 de junho de 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Izabel Marcílio Duarte – Mestranda (UNESC)
Orientador

Prof^a. M^a Odete Angelina Calderan (UFSC)

Prof. MSc Tiago da Silva Coelho (UNESC)

A Deus que me concedeu a graça da vida, e por tudo o quanto que ele me presenteia a cada dia que passa.

A meu pai (*in memoriam*), que com seu incentivo, amor e fé motivou-me a buscar a minha própria identidade.

A toda a minha família, pelo incentivo e apoio ao longo desta jornada.

A todos os Professores do curso de Artes Visuais da UNESC, que direta ou indiretamente contribuíram com este trabalho ao longo destes anos que passamos juntos.

A todos os colegas do curso, pela troca de conhecimentos ao longo do período.

A Professora Izabel Marcílio Duarte, pela inestimável colaboração desde a concepção até a conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

No decorrer de todo meu processo criativo, muitas pessoas se fizeram importantes para que este trabalho fosse concluído. Começo pela minha mãe que foi uma tremenda guerreira heroína que não mediu esforços em estar orando, incentivando-me e apoiando-me não apenas nos momentos de dificuldade por que passei, mas especialmente na minha construção pessoal. Te amo, mãe! Aos meus irmãos: Claudinei e Daviney que ficaram na torcida pelo meu sucesso.

Ao meu esposo Pedro Paulo, que entendeu meus nervosismos, ataques de desespero e apesar de todo meu estresse, foi parceiro auxiliando-me nas produções artísticas e na parte financeira, foi de vital importância, te amo, Meu Amor!

Aos meus filhos: Thaís e Zaqueu (que leva o mesmo nome de meu pai), por entender os momentos de afastamento e enlouquecimento de que eu necessitava para estar concentrada em meus trabalhos. Obrigada “Meus Filhos”!

A minha querida filhinha Ricelli (*in memoriam*) que enquanto viva incentivou-me e por vezes acompanhou-me até a universidade, dando-me seu apoio e por várias vezes participando de minhas produções; ainda que pequena motivava-me a continuar porque queria que eu fizesse meu doutorado em Roma para que ela pudesse me acompanhar. Descanse em paz “Meu Pequeno Anjo”.

Aos familiares do Pedro que acompanharam meus anseios e compreenderam o quão importante era para mim não só minha formação acadêmica, mas também a formação pessoal e artística. Obrigada a todos!

Às minhas amigas Queli Carvalho que me acompanhou nas minhas loucuras artísticas e por vezes doou materiais para minhas produções. Cássia Lorentz que foi de uma sabedoria incrível nos momentos em que eu pensava que ia fraquejar com suas palavras doces e racionais me fazia voltar a terra e colocar os pés no chão novamente. Camile que com todo amor e carinho carregou-me no colo no momento que mais precisei. Obrigada Amigas!

A querida Eliana que com as suas chaves dos ateliês nos abriu as portas para os mais fantásticos e mirabolantes sonhos nos quais nos transformávamos em artistas de verdade, sem contar nas vezes em que seus ombros nos serviram de descanso para nossas infinitas lágrimas, meu muito obrigado, Eliana!

Não poderia deixar de registrar aqui a participação de minha fiel escudeira que com sua potente serra Tico-tico ajudou-me a recortar as placas de compensado de minha obra: Raquel Teixeira.

Também agradecer à minha mais nova amiga Gisele Dagostin, a qual aos 30 minutos do segundo tempo da prorrogação salvou-me organizando e colocando meu TCC nas normas da ABNT, Gi, salvaste a minha vida, muitíssimo obrigada!

A todos os meus amigos e colegas o meu mais sincero obrigada!

A minha querida turma da 8ª fase de Artes Visuais – Bacharelado, que com muito amor, respeito e admiração fez parte de minha vida nestes quatro anos em que estivemos juntos galgando os degraus para adquirir o conhecimento.

A minha orientadora Izabel, que se não fosse o seu chacoalhão e puxão de orelhas além de muita paciência e compreensão eu não teria conseguido concluir este trabalho que é de extrema importância para minha realização pessoal.

AS MÃOS DE MEU PAI

As tuas mãos tem grossas veias como cordas azuis sobre um fundo de manchas já da cor da terra- como são belas as tuas mãos pelo quanto lidaram, acariciaram ou fremiram da nobre cólera dos justos... Porque há nas tuas mãos, meu velho pai, essa beleza que se chama simplesmente vida.

E, ao entardecer, quando elas repousam nos braços da tua cadeira predileta, uma luz parece vir de dentro delas...

Virá dessa chama que pouco a pouco, longamente, vieste alimentando na terrível solidão do mundo, como quem junta uns gravetos e tenta acendê-los contra o vento?

Ah, Como os fizeste arder, fulgir, com o milagre das tuas mãos!

E é, ainda, a vida que transfigura das tuas mãos nodosas...essa chama de vida – que transcende a própria vida...e que os Anjos, um dia, chamarão de alma.

Mário Quintana

RESUMO

O presente trabalho intitulado “memórias de meu pai: um diálogo com a arte”, inicia a busca de memórias vividas em família onde o protagonista principal é o meu pai, entrelaçando o gosto pela arte e a descoberta do meu processo artístico.

É uma pesquisa básica e abordagem qualitativa inserida na linha de processos poéticos do Curso de Artes Visuais – Bacharelado (UNESC).

Refletindo sobre as transformações da arte, o que a arte revela nesta memória que desvendo os mistérios, a transformação que a arte traz para o presente, dialogando com Canton (2009), Cocchiarale (2006), Salles (2009), Souza (2012), Pareyson (2001), Laraia (2005), Robbins (1985), Passos (2009), Gil e Silva (2001) farei a relação do processo de transformação e da importância de certos acontecimentos de minha infância que tem relação em meu cotidiano, evidenciando meu fazer artístico e a memória de meu pai que se mantém viva em mim.

Busco estabelecer relações entre arte e memória, e bem como justificar que as memórias que trago sobre meu pai irão me impulsionar no descobrimento de minha identidade artística. Inspirando-me em uma produção artística de meu pai, compreendendo a relação entre arte e memória.

Atentando a um novo olhar sobre arte contemporânea a partir de minhas produções artísticas, criando relações entre meu fazer artístico e minhas obras de arte com acontecimentos de minha infância.

A poética envolta da obra me traz a leveza de um trabalho pronto, com sacrifício e choros, porém com o resultado desejado.

A Busca pelas bibliografias produzirá a conversação sobre o início da minha transformação artística, e seguirá o seu caminho lado a lado com a memória de meu pai, meu sentir e a arte.

Palavras-chave: Memória. Arte. Identidade. Arte Contemporânea. Metamorfose.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Lembranças do Pai, 2014.	18
Figura 2 - Lembranças do Pai, 2014.	19
Figura 3 - Releitura da obra “Elo”, 2012.	27
Figura 4 - Mil faces, 2012.	28
Figura 5 - Tela paisagem (15x10cm), 1983.	30
Figura 6 - Igreja Rosa, 2013.	31
Figura 7 - “Miscelânea”, 2012.	32
Figura 8 - Obra: “Sol da minha vida”, 1978.	33
Figura 9 - Estudo do corpo, 1976.	34
Figura 10 - Estudo do corpo II, 1976.	34
Figura 11 - Obra: “Elo”, 2011.	36
Figura 12 - Obra: “Minhas mãos”, 2012.	38
Figura 13 - Obra: “Meu olhar”, 2013.	41
Figura 14 - Estudo do rosto, 1976.	42
Figura 15 - Estudo do rosto II, 1976.	42
Figura 16 - Estudo do corpo III, 1976.	43
Figura 17 - Estudo do corpo IV, 1976.	43
Figura 18 - Obra: “Identificação”, 2014.	46
Figura 19 - Obra: “Identificação”, 2014.	47
Figura 20 - Obra: “Identificação”, 2014.	48
Figura 21 - Processo criativo.	55
Figura 22 - Processo criativo.	55
Figura 23 - Corte da madeira.	56
Figura 24 - Chapas de compensado.	57
Figura 25 - Tronco de árvore.	57
Figura 26 - Pintura.	58
Figura 27 - Vidro.	58
Figura 28 - Isopor e espelho.	59
Figura 29 - Bolas de gude.	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA: ALINHAVANDO CAPÍTULOS	14
2.1 INTENÇÃO DA ARTISTA	16
2.2 BUSCA DA MEMÓRIA DO MEU PAI.....	17
3 MEMÓRIA DA ARTISTA	21
3.1 ENTRELACE DA ARTE E DA MEMÓRIA	22
4 MEMÓRIA E ARTE CONTEMPORÂNEA.....	25
5 RELAÇÃO DA ARTE E DO SENTIR.....	29
5.1 IDENTIFICAÇÃO DO PRAZER EM BUSCA DA MEMÓRIA	31
5.2 FOTOS DE ESTUDOS DO PAI.....	33
6 HISTÓRIA DA OBRA DE MEU PAI E IDENTIFICAÇÃO	35
6.1 METAMORFOSE DA ARTISTA E SUA MEMÓRIA.....	37
6.2 REAPROVEITANDO O PASSADO NO PRESENTE	39
7 A TRANSFORMAÇÃO	41
8 PROCESSO CRIATIVO DA OBRA: “IDENTIFICAÇÃO”.....	45
8.1 O ESPAÇO EXPOSITIVO E A OBRA: “IDENTIFICAÇÃO”	47
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICE(S).....	51
ANEXOS (S)	54

1 INTRODUÇÃO

Buscando elucidar questões que ficaram na minha memória desde os tempos de infância quando ficava horas e horas observando meu pai rabiscando inúmeros desenhos e depois mais um tempo vendo-o pintar os mesmos desenhos, procuro tratar aqui a forma com que essas lembranças tornaram-se tão marcantes em minha vida, registrando-as em uma produção artística.

Tive o prazer de conviver com um homem extraordinário, Zaqueu Loester Silveira, Pastor Evangélico por opção, engenheiro projetista por profissão e artista autodidata por natureza. Por instinto, por intuição, ou por dom de Deus, sabe-se lá, chamem como quiserem chamar, mas o que importa é que pude sentir toda a força que existia naquelas pinceladas vigorosas produzidas pelo meu pai.

Uma experiência imensurável, trazendo para meu cotidiano o conhecimento e valores passados ainda na minha infância são exemplos para toda a vida, onde meu pai se tornou um ídolo para mim.

Busquei ao longo do Curso de Artes Visuais obter conhecimento somando experiências que me possibilitaram compreender um pouco mais sobre a arte contemporânea e tudo que fiz ao longo da minha trajetória acadêmica, vem de encontro com:

Para Gil (1999 apud SILVA, 2001, p. 16):

Um bom pesquisador precisa, além do conhecimento do assunto, ter curiosidade, criatividade, integridade intelectual e sensibilidade social. São igualmente importantes a humildade para ter atitude autocorretiva, a imaginação disciplinada, a perseverança, a paciência e a confiança na experiência.

A criatividade aliada a minha imaginação e as lembranças que tenho de meu pai favoreceram profundamente o desenvolvimento do meu processo artístico.

Como alguns fatos de minha infância me tocaram profundamente e de certa forma ficaram para sempre a fazer parte de minha essência, de minha identidade.

As lembranças de meu pai ainda estão bem vívidas em minha memória – apesar de ele já não fazer mais parte deste mundo - e quando fecho os meus olhos parece que estou vendo-o sentado à sua prancheta de desenho criando suas produções. Incentivada por ele, eu risco e rabisco várias folhas em branco, sentada

aos seus pés. Uma criança que em suas garatujas já demonstra trazer consigo a capacidade de descortinar o imaginário transformando-o em imagens visíveis. “A arte requer um processo no qual o artista, ao criar a obra, invente o seu próprio modo de fazê-la.” (PAREYSON, 1991, p. 59).

2 METODOLOGIA: ALINHAVANDO CAPÍTULOS

Procuro no presente texto estabelecer relações entre arte e memória, e revelo que as memórias que trago sobre meu pai tem a capacidade de me incentivar à descobrir minha identidade artística bem como me serve de exemplo para produzir arte, enquanto trabalho de conclusão de curso.

Resgatando a memória de meu pai e fazendo com que estas lembranças afirmem o meu fazer artístico, fazendo com que eu consiga me libertar e desenvolver meu processo criativo. Com isso, busco na memória, os registros e fatos decorrentes da mesma que serão trabalhados a partir de Canton (2009, p. 27) que “[...] ressalta a importância de uma narrativa da memória, ligada à transmissão da experiência pessoal”, possibilitando uma reflexão ao assunto a ser investigado, contando ainda com o auxílio de Cocchiarale (2006), Salles (2009), Souza (2012), Pareyson (2001), Laraia (2005), Robbins (1995), Passos e Pereira (2009), Silva (2001) e Cauquelin (2005).

No subcapítulo 2.1 a “intenção da artista” revela a busca do artista, o que ele deseja e o porquê desta busca incansável por explicações que complementem sua identidade artística buscando auxílio em Canton (2009) e Souza (2012), evidenciando assim o subcapítulo 2.2 “Busca da memória do meu pai”, que busca em Salles (2009), Canton (2009), Souza (2012), Passos e Pereira (2009) explicar acerca dos vestígios, acontecimentos e acervo que revelam quem era o artista “pai” (Zaqueu) e como nasciam suas obras de arte, como surgia sua inspiração e seus devaneios, entrelaçando com o capítulo 3 “Memórias da artista” que explica que sua memória é a base do seu ser artístico e a importância, o poder que a memória de seu pai tem sobre seus sentimentos, sua forma de produzir as obras de arte, tendo como referência Pareyson (2001) e Salles (2009).

Partindo para o subcapítulo 3.1 “Entrelace da arte e da memória”, conseguiremos visualizar o que a memória nos revela, a sua atuação no nosso cotidiano e a memória como base para a transformação artística, dando ênfase aos valores indivisíveis e aos sentimentos revelados pelas obras de arte do pai, temos a fonte de pesquisa dos autores Salles (2009), Laraia (2005).

No capítulo 4 “Memória e arte contemporânea, entrelace entre registros de memória e nossa originalidade referenciado em Cocchiarale (2006), Salles (2009), Canton (2009) e Cauquelin (2005).

O capítulo 5 “A relação da arte e do sentir” é evidenciado em fatos do passado revelando o presente como forma de apreciação da memória, levando como exemplo de vida para todo o sempre, apropriando-se destes sentimentos para materializar minhas produções artísticas embasado em Salles (2009). Iniciando o subcapítulo 5.1 “Identificação do prazer em busca da memória”, onde a artista se depara com seu passado sendo exprimido no presente. Traços que se entrelaçam entre a arte acadêmica e a arte contemporânea, mostrando que a busca desta memória nos revela uma transformação artística, de aperfeiçoamento em meu ser como artista, dialogando com Salles (2009).

No subcapítulo 5.2 podemos observar as fotos de estudos do pai que serviram de alicerce para minha produção, evidenciando no capítulo 6 “História da obra de meu pai e identificação”, a história das obras de artes (tal pai, tal filho) que revela em mim a identificação com estes fragmentos, fazendo surgir em minha memória sentimentos adormecidos e iniciando uma metamorfose que me transforma hoje em uma pesquisadora, sem algemas, sem amarras e sempre em busca de explicar minhas inquietações, como referência me baseei nos autores Passos e Pereira (2009) e Salles (2009), isto se exemplifica no subcapítulo 6.1 “Metamorfose da artista e sua memória”, com análise em Canton (2009) e Salles (2009) a modificação e a construção interior que a memória contribui também para meu crescimento artístico, alinhando a esse texto buscam em Robbins (1995) fundamentar o subcapítulo 6.2 “Reaproveitando o passado no presente” onde cito meu pai como alicerce para minha transformação em busca de desenvolvimento, alinhando este desenvolver ao capítulo 7 “Transformação”, que mostra minha busca por uma identificação baseada na memória que tenho de meu pai sendo fundamentado em Salles (2009).

No capítulo 8 “Processo criativo da obra: Identificação” busco em Pareyson (2005) e Salles (2009) argumentar que esta obra é meu resultado artístico, onde com as pesquisas realizadas me libertei de antigas amarras e consegui com auxílio de minha memória demonstrar em minha obra final que encontrei minha identidade e descobri o meu amor em estudar Artes Visuais – Bacharel.

Ao concluir este trabalho o subcapítulo 8.1 “O espaço expositivo e a obra: Identificação”, realização da obra e reafirmação do amor e do respeito que tenho pela liberdade de criação fundamentado em O’Doherty (2002).

2.1 INTENÇÃO DA ARTISTA

Em nosso cotidiano acontecem inúmeras histórias, que nosso subconsciente grava e registra todas as nossas tarefas diárias, para Souza (2012, p. 27) “se dependemos da memória para desempenhar atividades elementares à continuidade da vida, dela também dependemos para adquirir, aprender e formular procedimentos, conceitos, teorias e competências complexas”, a parte mais importante sendo este acontecimento positivo ou negativo.

A produção artística nasce da mistura desses sentimentos que são enclausurados pelo tempo em nosso íntimo no decorrer de nosso desenvolvimento. Fatos, acontecimentos, surgimentos e até mesmo o nosso crescimento revela a nós seres humanos dotados de algum dom artístico, como e porque se portar de tal forma ou tal jeito e revela também alguns de nossos pré-conceitos.

O artista tem como base sua cultura, seus sentimentos e suas ambições, “O acervo de nossas memórias, nossas experiências (individuais e coletivas), faz parte de cada um de nós aquilo que somos, faz com que sejamos seres únicos e irreplicáveis.” (SOUZA, 2012, p. 27 - 28).

Meu pai fazia com que eu me sentisse uma criatura única no mundo, hoje busco investigar a minha memória como parte de mim. Trago para o presente a memória, evidenciando em específico uma lembrança como meu primeiro contato com a arte, tendo como protagonista principal Zaqueu Loester Silveira, que está presente em minha infância desde meu nascimento, entranhado em minhas memórias, com isso busco incessantemente as respostas de sentimentos e lembranças que estão nebulosas devido ao tempo, ao esquecimento em minha vida, que fez parte da formação do meu caráter; dar-se-á pelo estudo baseado em lembranças minhas e de minha mãe, estudo este entrelaçado com as obras de meu pai.

Evidenciarei meu olhar artístico e experimentarei o que isto irá me revelar, pondo em prática minha experiência como artista, vou desvendando o mistério existente entre minha memória e quem eu sou hoje como artista.

São pequenos fragmentos que contam lindas histórias de superação, devoção e amor à família.

Zaqueu, meu pai, se dizia ser espiritualizado, tendo em suas obras a base de sua fé.

Suas obras, suas cores e formas revelam o ser espiritual que ele era, e como era voltado à fé, sempre buscando se aperfeiçoar e utilizando-se da arte como forma de revelação do que sua alma tinha para passar de bom para a humanidade.

Tendo como exemplo esta fonte de vida, meu olhar artístico e minha percepção dentro da arte são o resultado do trabalho efetivo deste artista em passar para os filhos que a arte é base da vida é a fonte de nossa vitalidade. A arte nasce, renasce, cresce, morre, ressurgir, com a arte desenvolvemos o dom de explorar o que é espiritual em nós, perpetuar os sentimentos e entrelaçar-se em obras que falam por si só, dispensando comentários.

Através dos registros deixados de herança, por este artista que eu considero ilustre e autodidata, evidencio que o meu presente nasceu do passado de minha formação, de minha infância sólida, construída com amor pela arte e exige de mim um aperfeiçoamento para continuar a passar mensagens às pessoas, assim como as obras de meu pai:

A partir dos documentos deixados pelos artistas: diários, anotações, esboços, rascunhos, maquetes, projetos, roteiros, cópias, etc. Na relação entre esses registros e a obra entregue ao público, encontramos um pensamento em construção. (SALLES, 2009, p.13).

Busco explicar no presente texto o que a memória que possuo de meu pai me levou a pesquisar as possibilidades do meu fazer artístico.

Com isso, aos poucos surgiu minha transformação artística e a busca de algo não sutil, mas sim algo que mostre o meu interior evidenciando em obras de arte a memória de meu pai, o meu crescimento e revele minha identidade.

2.2 BUSCA DA MEMÓRIA DO MEU PAI

O artista traz consigo expressões, vivências e experiências, as quais estão depositadas em sua memória, e muitas vezes encontram-se de forma nebulosa, o tempo faz cair no esquecimento.

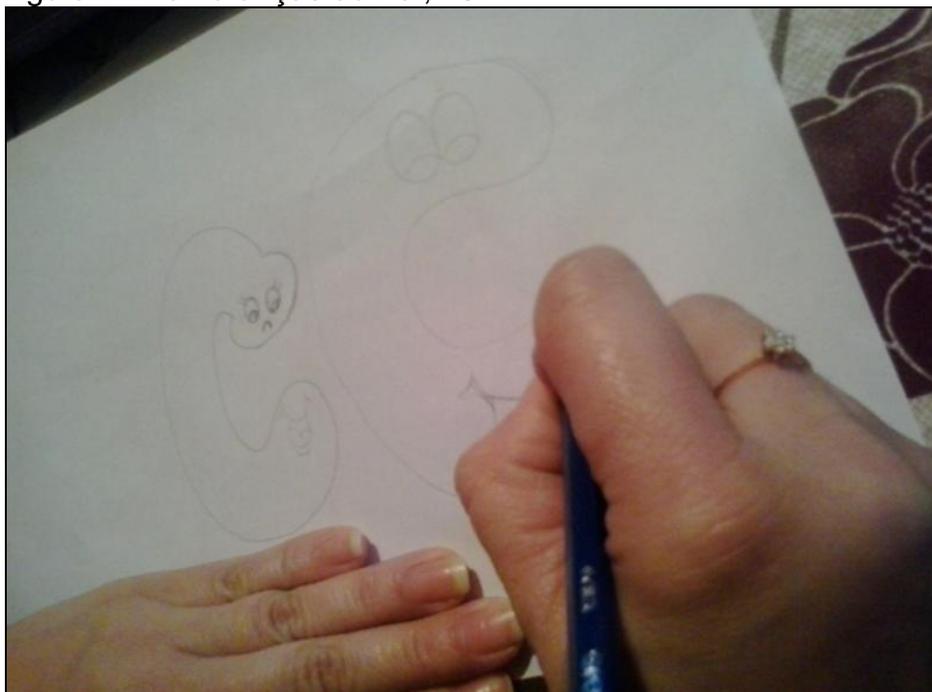
Nossos relacionamentos e a forma como nos portamos:

É da infância que resultamos todos. A psicologia e a sociologia da educação tratam do tema cientes de que tudo aquilo que nos acontece no início de nossa vida biológico-social traz consequências para nossa vida presente-futura. (PASSOS; PEREIRA, 1979, p.156).

Demonstra claramente como foi nossa infância e os fatos marcantes, que surgem do nosso subconsciente a cada situação que enfrentamos no nosso cotidiano. Evidenciando os fatos de minha infância, relembro com prazer e gozo os momentos especiais que tive com o artista ilustre de minha vida, meu pai, recordações que me empurram e desde pequena me ensinam a olhar a arte como uma válvula de escape de meus problemas diários.

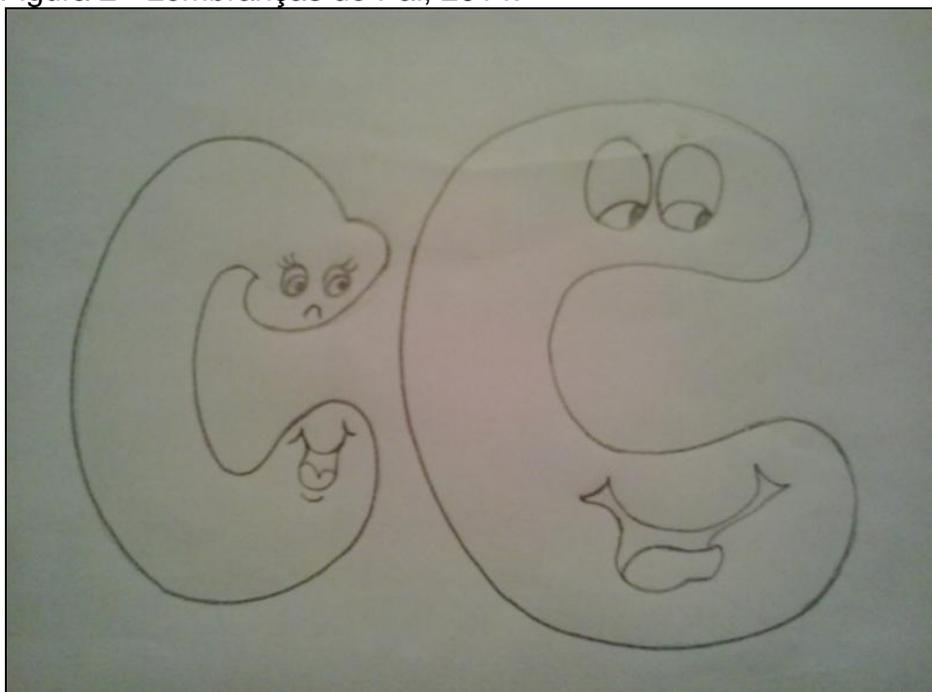
São recordações fortes que trago em meu ser, o exemplo de meu pai, como artista, é marcante e definitivo para a forma como nasce minha identidade artística. Relembro como se fosse há segundos atrás, quando na pré-escola tive dificuldades para aprender meu nome, então, meu pai, protagonista de minhas memórias mais prazerosas calmamente sentou comigo, e como se ele já soubesse que eu seria artista, ensinou-me a escrever meu nome através da arte.

Figura 1 - Lembranças do Pai, 2014.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 2 - Lembranças do Pai, 2014.



Fonte: Ilustração da autora

De forma sutil, doce e com muito amor, meu pai me ensinou a gostar da escrita de meu nome colocando que cada nome é diferente e único no universo contendo características exclusivas o que torna cada nome algo muito especial para cada indivíduo. Naquele momento foi meu primeiro contato com a arte, modificando minha forma como encarar a vida, sendo que a arte se tornou combustível para o meu desenvolvimento e para a transformação do meu olhar para o mundo, “a origem da arte mistura-se com a origem da vida simbólica e da vida mágica ou religiosa.” (COCCHIARALE, 2006, p. 44).

Ficando registrado em minha memória fragmentos, que me possibilitaram aprender a refletir sobre coisas que não gosto, e a me motivar, me inspirar a ver o sentimento contrário como algo a ser explorado e mostrado em forma de obra de arte. Trazendo ao meu crescimento discernimento do mundo e um olhar diferenciado para o universo, tendo sempre a visão de que a arte transforma, motiva, renova, explode e traz para o mundo a visão que antes era tão particular a mim.

Através dos registros e obras deixadas pelo meu pai, fui à busca da minha motivação, com a intenção de mostrar ao mundo que meu pai me ensinou a ver o universo com a ótica da arte.

As memórias de minha infância tornaram-se para mim uma busca constante, algumas caíram no esquecimento. “É também o território de recriação e

de reordenamento da existência [...]” (CANTON, 2009, p. 22). Tenho na obra de arte uma forma de conseguir fazer estas memórias e sentimentos adormecidos, despertarem, com isso, todos terão o privilégio de ver que a memória é à base da construção de um artista.

3 MEMÓRIA DA ARTISTA

O artista busca com suas obras despertar a sensibilidade ou algum outro tipo de percepção ou inquietação no público que a contempla

Na arte busca-se concretizar as experiências vividas em forma que a consciência capta de maneira global e abrangente do que o pensamento rotineiro:

[...] o fato é que a arte não é somente executar, produzir, realizar e o simples “fazer” não basta para definir sua essência a arte é também invenção. Ela não é execução de qualquer coisa já ideada, realização. De um projeto, produção segundo regras dadas ou predispostas. E é um tal fazer que enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer. (PAREYSON, 2001, p. 26).

A arte que envolve é uma busca constante do despertar da memória e do mover de toda emoção que envolve cada situação. Buscar a memória, fazer a explosão deste sentimento, significa inventar o que ainda não existe, o que ainda só existe em forma abstrata que é o sentir, “[...] os sentimentos da arte são conteúdos da obra ou conteúdos da consciência, isto é, se se trata de sentimentos realmente vividos pelo artista em sua vida, ou sentir figurado por ele na obra de arte.” (PAREYSON, 2001, p. 84).

A obra de arte é uma pesquisa constante, o artista continua a busca incansável de expor seus anseios e arrisca mostrar ao mundo que tudo que o artista vê ou vive pode se tornar arte, ou pela compaixão ou por fatos que o artista tenta mostrar de um jeito particular, como exemplo, temos “a fonte” de Duchamp¹, o artista mostra seu diferencial muitas vezes pelo espanto que causa ao público.

A imaginação diferencia os homens sendo este capaz de projetar no seu íntimo um mundo particular, que só existe no seu pensamento, onde este se sente seguro, mundo este que é imaginado através de algum acontecimento vivenciado projetando em seu consciente um mundo concreto de sua memória, possibilitando ao artista entrar em contato com sua vivência e transformar com esta explosão de sentimentos algo concreto, tendo como seu aliado a imaginação, com o processo de criação em desenvolvimento conta ainda com o auxílio da sua memória e se torna protagonista de um grande teatro, sendo cada gesto seu em criar sua obra um

¹ Fonte é o mais famoso dos “*ready-mades*” de Marcel Duchamp, um mictório deitado sobre um pedestal com a assinatura “R. Mutt”, uma firma de engenheiros sanitários. O artista inscreveu esta peça em uma exposição organizada pela Sociedade de Artistas Independentes em Nova York, a qual foi colocada atrás de uma tela.

espetáculo de construção e interação com o mundo artístico. “[...] O contato com este material nos permite entrar na intimidade da criação, arte ao vivo - a espetáculos, às vezes, somente intuídos e imaginados.” (SALLES, 2009, p. 23).

O artista tem em si a capacidade de projetar algo novo sobre as antigas estruturas tanto internas como externas, são vivências que vem sendo armazenadas desde a infância na memória e sendo exploradas torna ao artista inúmeras possibilidades de fazer a arte, de mostrar a sua arte.

Nesse sentido a atividade artística resulta de uma organização de experiências individuais, como o desenho, a pintura ou qualquer outra forma de linguagem artística trazem importantes aspectos de um conjunto de experiências pessoais organizadas em um todo significativo.

3.1 ENTRELACE DA ARTE E DA MEMÓRIA

Por inúmeras vivências de minha infância, tenho a convicção que meu amor pela arte vem de “berço”.

Tendo ao longo da vida indícios e vestígios de materiais que concretizam o meu amor pela arte, cresci e me desenvolvi com a plenitude e os ensinamentos de que o amor de Deus solidifica o Homem sendo evidenciado nas passagens de aprendizado que meu pai transmitia para a família em forma de arte, sendo esta inspirada pelo divino. “Tudo se constrói sobre o anterior e em nada do que é humano se pode encontrar a pureza.” (SALLES, 2009, p. 92).

Zaqueu, meu pai, colocava Deus como ponto vital da vida, meu pai tinha revelações, segundo ele inspiradas pelo “Espírito Santo”, sendo o meu pai um instrumento divino para expor a vontade de uma energia superior a nós.

Suas obras, desenhos, escrituras, todos os arquivos existentes que eu tenho de recordação eram sonhos que meu pai desenvolvia através da fé, onde ele analisava tais experiências e às transmitia para a arte, sendo que para ele suas revelações, sonhos e sensações não eram uma simples inspiração para a arte, era algo que provinha de alguma energia superior que por vezes transmitia algum tipo de mensagem. Como diz Fayga “o Homem cria não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma e criando.” (OSTROWER apud SALLES, 2009, p. 10).

Zaqueu só sentia-se pleno, quando se voltava para Deus, o mundo espiritual era seu mundo preferido, sua inspiração, seu ego, sua fonte de crescimento era a sua fé, a sua igreja.

Meu pai era um ser espiritualizado e nos criou dentro da concepção de que o mundo foi criado para abrigar um ser inferior que necessita de desenvolvimento para chegar a um plano espiritual superior, sendo que este ser supremo utiliza sentimentos e fraquezas do ser humano para por à prova o que este ser humano realmente sente em seu íntimo, transformando a arte como meio principal de contato com o mesmo. Sendo a arte ponto de início de registros deixados pelo homem desde o início da civilização, mesmo antes da escrita. “As imagens são impressionantes não apenas porque representam algumas das incursões do *Homo Sapiens* nas artes, mas também porque são de incrível qualidade artística.” (FARTHING, 2011, p. 17).

Utilizando a arte como um instrumento para registrar seus principais acontecimentos mediante cores, linhas e pontos, podemos avaliar que o desenvolvimento humano se iniciou com a arte, a cultura evidenciada em cada registro solidifica a história vivenciada por cada povo, por cada época.

“[...] O sábio nunca dialoga com a natureza pura, senão com um determinado estado de relação entre a natureza e a cultura, definida por um período da história em que vive a civilização que é a sua e os meios materiais de que dispõe.” (STRAUS apud LARAIA, 2005, p. 88).

Sendo assim, trago dentro de mim a fé em Deus e uma força superior que nos move, nos motiva, nos encanta e muitas vezes nos desespera. Como diz Carvalho (apud PASSOS 2009, p. 156) “a criança é o nosso passado em aberto.” É deste passado que resgato a memória da formação do meu caráter, buscando no exemplo de meu pai a forma como eu me porto perante a sociedade, a forma de me vestir, falar, agir, tudo que sou é reflexo de minha infância, trago em mim o tempo que resgata, machuca, renova, cresce e transforma. Como uma borboleta prestes a alçar voo, renovo minhas memórias e represento na obra *Identificação* todo o amor que ainda está latente em meu peito e que sinto pelo meu pai o qual representa recordações de minha infância. “Não como mero relato do acontecido, mas da infância que hoje em mim se encontra re-significa na minha alma de adulto.” (CARVALHO apud PASSOS, 2009, p. 156).

Em busca da motivação da alma de adulto eu faço uso da memória e do registro da obra “Sol de minha vida”² sonhada pelo meu pai, que segundo relatos de minha mãe, ele teve uma visão de um grande sol envolvido por longos braços que para ele mais pareciam duas trompas abraçando um útero, resultando nesta obra em específico, que após desenhá-la ele pintou em uma cartolina exatamente nas cores em que viu em sua visão.

Posteriormente voltou a pintá-la em uma tela de veludo negro. Sendo segundo ele, esta obra uma inspiração do espírito santo.

“Ele tinha como fonte básica para suas obras de arte a revelação de Deus, tudo que ele fazia perante a arte era por que Deus queria usá-lo como Homem Santo, um instrumento em suas mãos, sendo assim sempre nos revelava a passagem bíblica” pois a profecia nunca foi produzida por vontade dos Homens mas os “Homens Santos” da parte de Deus falaram movidos pelo espírito santo”, II Pedro 1:21 (BÍBLIA SAGRADA), meu pai utilizava esta passagem pois se considerava um homem santo, evidenciando sua espiritualidades na arte.

Com base na memória de minha infância a obra em questão me “salta aos olhos” é marcante, profunda e me faz sentir várias sensações ao mesmo tempo. Esta memória está rebuscada, embaraçada pelo tempo, maltratada pelo esquecimento. Meu interior é todo sensível, me torna com isso uma pessoa especial. Sensações que busco explicar em minhas memórias, como uma explosão dentro de meu ser, busco arquitetar ao longo deste primeiro semestre de 2014 a obra Identificação que relembra a minha memória à obra de meu pai em força, cor, sentimento e emoção. Encontrei na arte a fórmula adequada de valorizar as obras de meu pai, segundo a minha visão, minha forma de fazer a arte.

Expor a obra identificação desperta em mim a fonte de vida que iniciou a minha alma na arte. “[...] A memória se expande num tempo que toma conta de todo o espaço.” (PROUST apud CANTON, 2009, p. 16), esta memória prazerosa traz ao meu ser crescimento, força para perseverar nos duros caminhos da arte.

² A obra “Sol da minha vida” está demonstrada na Figura 08 da página 33.

4 MEMÓRIA E ARTE CONTEMPORÂNEA

A memória estabelece em mim uma relação forte com a arte, esta afinidade me mantém amante dessa arte. É como se fosse um meio de voltar a conviver com meu pai como se ele ainda estivesse aqui, presente em meu dia-a-dia, trazendo muita paz e amor. As emoções que vivi na infância fazem com que hoje eu utilize minha imaginação como meio de inspiração pra criar e fortalecer meu amor paterno. Crio um mundo repleto de idéias e identificações, que ao longo de meu desenvolvimento aos poucos tomei coragem de expor todo este sentir ao público de uma forma intensa e vibrante. Minhas obras acadêmicas confirmam que de um mundo imaginário que é tão particular, consigo através de experimentações envolver meus sentimentos e jogá-los para o concreto transformando o que antes era só imaginação em obras que demonstram todo o meu sentir, organizando e fazendo dessa emoção meu veículo pra prosseguir na arte contemporânea:

[...] a evocação das memórias pessoais implica a construção de um lugar de resiliência, de demarcações de individualidade e impressões que se contrapõem a um panorama de comunicação à distância e de tecnologia virtual que tendem gradualmente a anular as noções de privacidade, ao mesmo que dificultam trocas reais. (CANTON, 2009, p. 21).

São lembranças que motivam meu processo criativo a romper barreiras e me libertar. A arte contemporânea se entrelaça nesse emaranhado de ideias e excitações, estes fatos são o embasamento para que eu busque a arte como liberdade e como fundamento para manter claro as memórias que tenho por meu pai:

As relações tencionais que mantém a vitalidade do processo de construção da obra, aparecem também nas emoções do criador. As marcas psicológicas do gesto criador carregam sentimentos opostos que, na medida em que atuam um sobre o outro, tornam a criação possível. (SALLES, 2009, p. 85).

Através dos acontecimentos de minha infância, consigo evidenciar a minha criação artística e cada dia que passa me identifico mais com as obras de meu pai, sendo que ele era clássico, buscava sempre a perfeição em seus traços, porém, eu depois de vários estudos sobre arte, consigo através do processo de experimentações tornar minha arte liberta de amarras, trazendo o gosto de meu pai pela natureza para algo mais contemporâneo, mais próximo do que eu sinto. Salles

(2009, p. 98) afirma que “a percepção do artista tem a força de transformar o mundo observado e cada um encontra o seu instrumento – o agente de sua poética.”

A arte contemporânea nos aproxima da realidade, nos instiga a investigar o problema que estamos vivenciando, fazendo sentir dor, amor ou desgosto. Sem que possamos perceber, a arte contemporânea abre o nosso mais íntimo sentimento e brinca como se fosse uma criança, concretizando este sentir em obras de arte contemporâneas inovadoras e por vezes ousadas como a obra de Bill Viola, que expõe vários acontecimentos de sua memória em forma de imagens que se repetem e passam em um telão vagarosamente, dando ao público a oportunidade de apreciar com calma o que esta sendo exposto.

Vida, morte e transfiguração são os temas explorados em seus trabalhos, o tempo excessivamente lento é o que fala mais alto em suas produções. A vídeoarte em suas mãos rompeu todas as barreiras e conquistou os museus.

O tempo parece não ter pressa em suas produções, o que nos convida a refletir sobre coisas não imaginadas anteriormente. A água, a vida e a morte são obsessivamente usadas em seus trabalhos:

[...] da arte contemporânea quebraram a seqüência cronológica de passado-presente-futuro e o viés do começo-meio-fim, deslocando as estruturas de temporalidade para novos estatutos que, [...] configuram outras formas de produzir histórias e criar sentido. (CANTON, 2009, p. 25).

O vídeo “The Passing” mostra os momentos finais da vida de sua mãe intercalados com o nascimento do filho embalado apenas pelo som da respiração da mãe moribunda. O elo que os une é um lençol branco que envolve tanto a criança recém-nascida como o corpo da mãe, tudo isso numa lentidão exagerada onde Bill Viola nos leva a reflexões e contemplações.

Para Salles (2009, p.127) “o artista tem maneiras singulares de se aproximar do mundo a sua volta”, eu como pesquisadora em artes guardo cada registro, cada conhecimento adquirido ao longo do curso de Artes Visuais - Bacharelado, para que um dia este acervo se torne arte e eu possa me aproximar do público sem covardia de estar me expondo:

O que encontramos atualmente no domínio da arte seria muito mais uma mistura de diversos elementos; os valores da arte moderna e os da arte que chamamos de contemporânea, sem estarem em conflito aberto, estão lado a lado, trocam fórmulas, constituindo então dispositivos complexos, instáveis [...]. (CAUQUELIN, 2009, p. 127).

A arte contemporânea abrange a todos os estilos, deixando com isso, a criação livre para cada artista delirar e liberar toda emoção que esta sentindo em sua obra, esta sensação é notada e fica evidente na ousadia em que cada artista expõe, se utilizando de meios que já fizeram ou ainda fazem parte do seu cotidiano:

“[...] a arte contemporânea eu procuro pensar em uma obra que tem, até por que é da natureza das coisas do mundo contemporâneo fugirem a classificação em modelos fixos.” (COCCHIARALE, 2005, p. 69).

Com isso, a arte torna-se simples e aberta, importando apenas a arte em si, e usando da crítica como alvo pra novas criações.

A arte contemporânea por sua vez provoca medo nas pessoas, pois os obriga a sentir a obra, buscando uma interconexão com as outras artes e a própria vida.

Ela nos estimula a estabelecer nossas próprias relações com essa arte o que nos leva a percebermos uma nova realidade, apesar das lembranças do passado estarem sempre presentes no círculo de nossa atualidade.

A exemplificar o que digo sobre minha forma de fazer a arte, demonstro nas figuras abaixo minha pesquisa sobre faces humanas:

Figura 3 - Releitura da obra “Elo”, 2012.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 4 - Mil faces, 2012.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Expor a obra identificação desperta em mim a fonte de vida que iniciou a minha alma na arte. “[...] A memória se expande num tempo que toma conta de todo o espaço.” (PROUST apud CANTON, 2009, p.16), esta memória prazerosa traz ao meu ser crescimento, força para perseverar nos duros caminhos da arte.

5 RELAÇÃO DA ARTE E DO SENTIR

Com minha memória ativa, consegui desvendar mistérios relacionados ao meu gosto pela arte e resgatei com isso momentos especiais com meu pai:

Surgindo por ordenações, a memória se amplia, o que não exclui a especificidade maior. Além de renovar um conteúdo anterior, cada instante lembrado constitui uma situação em si nova e específica. Haveria de incorporar-se ao conteúdo geral da memória e, ao despertá-lo, cada vez o modificaria, se modificaria em repercussões, redelineando-lhe novos contornos com nova carga vivencial. (SALLES, 2009, p. 19).

Minha infância está envolta da arte, trago em minhas memórias a fonte de inspiração para o meu futuro profissional em arte, meu pai desempenhou papel fundamental nesse amor pela arte, me ensinando a sentir o que a arte é capaz de transformar, transgrecer em nós:

Supõe-se que os processos de memória se baseiam na ativação de certos contextos e não em fatos isolados, embora os fatos possam ser lembrados. É o caso de conteúdos de ordem afetiva e de estados de ânimo, alegria, tristeza, medo, que caracterizariam situações de vida do indivíduo. De um ponto de vista operacional à memória corresponderia uma retenção de dados já interligados em conteúdos vivenciais. (SALLES, 2009, p.19).

A memória não é um fato isolado, são vários acontecimentos interligados que tornam as lembranças um alvo propulsor de inspiração para desenvolver meu processo criativo e concluir minhas obras de arte.

Busco a partir de minhas memórias expor meus sentimentos com relação à arte e neste mesmo pensamento pretendo elaborar uma produção artística que contemple as minhas memórias, deixando que a minha visão tenha um novo olhar, um olhar diferente, um olhar para dentro de mim, um olhar que não apenas mostra, mas fala, age e sente toda a necessidade de doar-se a um mundo novo onde a criatividade dê asas a imaginação deixando-se levar a uma liberdade tão intensamente sonhada e desejada.

Relembro que algumas vezes meu pai desenhava ou pintava paisagens sobrenaturais, árvores existentes somente em seu mundo individual, interligando sua arte a divindade.

Figura 5 - Tela paisagem (15x10cm), 1983.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Através de lembranças de meu pai, como ele agia comigo e as coisas que fazíamos juntos, que hoje represento na arte este amor imensurável por esta figura que meu pai representa de valor inestimável, sendo estas memórias o resumo de como ele me ensinou a amar a arte, tornando esta meu porto seguro onde me transformo me renovo e me impulsiono a descobrir coisas novas. *“Cavalcante, apoiado pela teoria Junguiana, sustenta que o arquétipo do pai, vivenciado através da encarnação no pai real, é o símbolo que promove a estruturação psíquica da criança e lhe permite abrir-se para o horizonte de novas possibilidades. Neste sentido, a identificação da criança com o universo de seu pai se dá por meio da experiência da interação [...]”*³

Meu pai sempre foi uma figura presente em minha infância, quando criança sempre busquei nele a calma para minhas inquietações, onde ele com mansidão me colocava no colo e explicava as coisas que aconteciam em nosso cotidiano com brandura e inteligência. Estes fatos que narrei aqui complementam

³Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007>. Acesso em: 10 jun. 2014.

que meu pai exercia forte influencia sobre o meu sentir, e me direcionou a explorar sentimentos novos na arte. Abaixo represento na figura Igreja Rosa a Igreja de Santa Rosa do Sul em forma de serigrafia que denota a fé que exerço sobre a minha fé.

Figura 6 - Igreja Rosa, 2013.



Fonte: Acervo da pesquisadora

5.1 IDENTIFICAÇÃO DO PRAZER EM BUSCA DA MEMÓRIA

Em minhas produções artísticas, busco aplicar o que meu pai dizia: *“enquanto eu não inventar outra peça (obra), essa será minha obra de arte.”*

Com a inspiração de meu pai, meu mundo de adulto tornou-se arte. Hoje eu crio, invento, renovo ideias e busco solidificar minha identidade a cada criação, a cada obra de arte finalizada. Tendo como referência a base em Desenho contemporâneo onde iniciei a criação da figura abaixo, minha expressividade em relação a minha memória e a minha liberdade artística.

A cada peça pronta, a cada traço chegado ao ápice nasce dentro de mim o sentimento de cada vez mais querer a arte para meio de sobrevivência neste mundo conturbado que vivemos. Até a próxima inspiração a obra pronta manifesta em mim o sentimento de zelo de cuidado extremo.

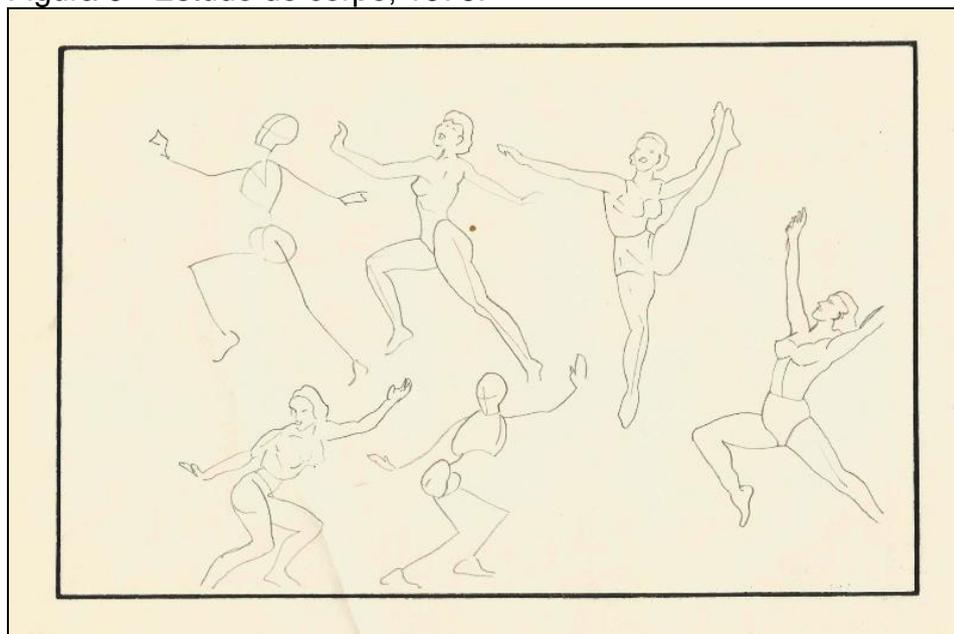
5.2 FOTOS DE ESTUDOS DO PAI

Figura 8 - Obra: “Sol da minha vida”, 1978.



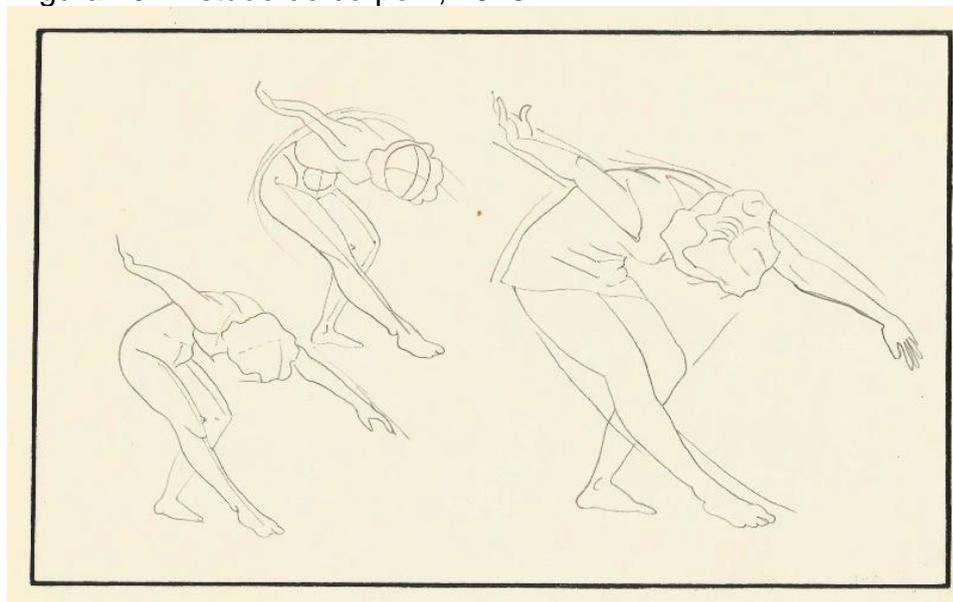
Fonte: Elizabeth Monteiro Silveira.

Figura 9 - Estudo do corpo, 1976.



Fonte: Elizabeth Monteiro Silveira.

Figura 10 - Estudo do corpo II, 1976.



Fonte: Elizabeth Monteiro Silveira.

6 HISTÓRIA DA OBRA DE MEU PAI E IDENTIFICAÇÃO

A obra “Sol da minha vida” de meu pai nasceu de uma visão, um sonho que ele teve em um determinado momento de nosso cotidiano, trata-se de um sol, algo que se pressupõe que o plano espiritual estaria mandando esta visão para melhorar ou iluminar ainda mais a vida deste homem, impelindo-o a doutrinar seus filhos para algo que nós seres humanos deveríamos melhorar em nossas vidas, é uma obra que me inspira. Existe nela um círculo vermelho que representa o sol, a cor vermelha escura nos mostra a intensidade com que esta fé se fazia presente em sua vida, acima da obra há uma espécie de emaranhado de linhas parecendo à representação de um mapa pintado na cor azul escura mostrando uma energia espiritual sobre um sol incandescente.

Na busca dessa memória, encontrei minha identidade artística, meu pai é a fonte do nascimento da arte em mim e hoje estas memórias fazem parte de minha identidade. Memórias estas que me motivam a buscar e ousar o novo sempre em busca de algo mais para minhas obras de arte. “[...] Desenvolver soluções novas, experimentar novos caminhos e elaborar novos pensamentos, recorrendo aos meios historicamente desenvolvidos pela sociedade.” (LOPES apud PASSOS; PEREIRA, 2009, p. 111).

Natureza e faces humanas é o que meu íntimo grita e eu quero explorar, buscar incansavelmente e sempre deixar transparecer que a memória de minha infância tem todo o combustível para me motivar a perseverar nos caminhos da arte, me transformando e mostrando ao público minha evolução enquanto artista, e mostrando o meu modo de fazer arte.

Um novo experimento em meu primeiro contato com a arte foi manipular um material para mim até então jamais explorado. Trabalhei com argila, foi um grande desafio, baseada em minhas pesquisas em cerâmica encontrei em minhas lembranças a natureza e como ela me encanta, então nasceu a necessidade de unir a natureza a arte, e a arte ao meu sentir. Nessa busca sentimentos se confundiam e cenas, acontecimentos adormecidos pelo tempo me encaminharam a uma busca por rostos, faces humanas, desta busca incansável de tentar entender estes sentimentos lembrados, nasceu à necessidade de unir a natureza não somente à arte, mas também a faces humanas. Para Salles (2004, p. 79) “esse diálogo do artista com a matéria, leva-nos a estreita relação entre forma e conteúdo no processo de

construção de uma obra, já que o procedimento artístico não pode ser reduzido ao processo de elaboração da matéria.”

Com isso, busquei acrescentar novos materiais ao meu desenvolvimento artístico, encontrando na cerâmica, a forma de expor a natureza como ela é. Com dificuldade no início do processo criativo, busquei referência em artistas como Odete Calderan e Jussara Miranda Guimarães que foram minhas professoras em Processos Cerâmicos e tornaram-se grandes ícones em meu desenvolvimento acadêmico, transmitindo-me a forma de como conseguir colocar em argila meus sentimentos tanto de ódio como de amor, sendo isto, ao manipular uma simples “bola de barro” e deixando minha sensibilidade gritar mais alto, a “bola de barro” foi tomando forma, jeito e mostrando que minha memória ainda tão ativa guardava surpresas para mim. Cultivando este espetáculo do sentir e deixando este sentimento agir, uni em uma peça de cerâmica a natureza e o homem sustentados por um elo que lhes serve de suporte na parte de trás.

Identifico-me com as memórias de meu pai e interligo a arte e o sentimento, criando o meu percurso dentro da arte entrelaçada à natureza e as faces humanas. Baseada nestes estudos de memórias e meu fazer artístico, a figura 10 intitulada “Elo”, demonstra este entrelace.

Figura 11 - Obra: “Elo”, 2011.



Fonte: Ilustração da autora (2014).

Depois de conseguir libertar - me e deixar a emoção fluir nasceu a obra “Elo”, que demonstra a esperança, o afeto que o mundo deve tentar proporcionar a todos nós.

Na obra acima, é possível perceber os primeiros passos de uma artista em transformação aberta a novas experiências, iniciando meu desenvolvimento em uma carreira artística, onde a liberdade de criação é meu carro chefe, e conseguindo expor que o sentir está ligado a arte e a arte de algum modo está ligada a nossa memória, aos nossos registros.

“[...] Da nossa infância, somente, restam lembranças perdidas, os ventos as trazem num grito que em vão sacode o infinito das nossas ânsias dormidas.”

(Fragmento do poema: ecos do vento, de Ilton Carlos Delandréa)

6.1 METAMORFOSE DA ARTISTA E SUA MEMÓRIA

Esta é minha identidade, a memória que me faz reviver e viver sempre em busca de mostrar ao mundo, que meu coração é sensível, que minha fé tem uma razão de ser. Bandeira (1996 apud SALLES, 2009, p. 41) diz estar convencido de que “homem nenhum pode ser inatural, por mais força que faça. Somos duplamente prisioneiros: de nós mesmos e do tempo em que vivemos.”

Convenço-me a cada dia que nasce que o crescimento é a forma vital de me manter viva, desenvolver minha arte é a fórmula perfeita para reviver meu pai em minha vida.

O contato com a arte permite me fazer sentir liberta, me motiva a transcrever minha utopia em relação ao mundo, me dá força para mostrar a todos meus anseios, devaneios.

A obra “minhas mãos” é minha estreia como artista, inicio com esta obra a minha procura no tempo e encontro as respostas para minhas buscas em minha infância que está interligada com a minha memória a qual se solidifica e me impulsiona a pesquisar mais e mais sobre estes elementos que me fazem fluir dentro da arte. Buscando cada vez mais expor meus anseios, explorar minha sensibilidade e restaurar a cada obra pronta a minha fé.

O tempo é algo sobre o qual nós humanos não possuímos controle, isto inquieta a todos. Não podemos fazer o relógio parar, nem parar as emoções ou

congelar momentos especiais, o tempo acaba com tudo que ele toca por onde ele passa, findando ou fazendo nascer o dia. A vida é um eterno descobrimento: O sol nasce todos os dias, mas nunca é igual/ as estrelas estão no céu, mas nunca no mesmo lugar/nossos caminhos são floridos mas também existem os espinhos/o tempo passa mesmo que as vezes nem vejamos as horas passarem/nossos caminhos são cheios de curvas mas sempre nos direcionam para algum lugar.

Mesmo que a vida e seus ensinamentos sejam uma incógnita, nossos olhos esfomeados estão sempre procurando algo mais, além daquilo que vemos.

Para adquirirmos conhecimento precisamos ter coragem de entrar no jogo da VIDA.

A obra “Minhas mãos” reflete como um espelho meus sentimentos de outrora, a infância que passou as marcas que deixou.

Figura 12 - Obra: “Minhas mãos”, 2012.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O meu percurso em artes é curto, porém de inexplicável desenvolvimento de meu fazer artístico.

Em busca de expor meus sentimentos consegui com a união de minha memória a meus sentimentos transcrever do irreal para o concreto mostrando em minhas obras de arte que o que eu desenvolvo tem algo de sublime, inefável.

Este é só o começo de meu percurso, os primeiros passos como artista se solidificando a cada obra à minha identidade, a minha inspiração, o meu modo de

fazer arte. “Que é maior que as pequenas experiências individuais particulares, algo maior que a simples existência individual, algo que transcende a vida e a morte particulares e que pertence a uma memória viva e pulsante.” (CANTON, 2009, p. 27).

Aprendi ao longo da vida, a explorar meus sentimentos e com isso evidenciar na arte um meio de experimentar novos caminhos, novas sensações.

6.2 REAPROVEITANDO O PASSADO NO PRESENTE

Com a memória latente, dessequei minha história em busca de minha identidade, renovei meu ser fazendo entrelaces de minha infância com minha vida adulta resultando em uma vida vibrante de plena arte.

Minha mãe diz que meu pai tinha orgulho por que em minha infância comecei a manifestar o gosto pela arte.

Meu pai ensinava aos filhos como tirar vida da arte, como a arte está presente em tudo que tocamos em tudo que vemos.

Porque ele já nasceu artista, com seis anos de idade entrou na escola e já desenhava. Todos os trabalhos que ele fazia as professoras levavam para casa, pois ele era muito caprichoso.

Ele era um verdadeiro artista, tudo na mão dele se transformava, uma borboleta que ele visse, ele desenhava, um pedaço de madeira que ele pegasse, já trabalhava (entalhava e fazia uma peça).

Ele sempre falava: “*Será que os meus filhos vão gostar de arte?*”

Ensinou um dos nossos filhos (Claudinei) a desenhar plantas de casas, ele aprendeu rápido e ajudava o Zaqueu a desenhar (fazia projetos), mas ficou só nisso.

Quando o Zaqueu viu os desenhos de móveis que a Claudenise fazia ficou todo contente e falou: “*Ela vai ser minha seguidora*”..

Depois ela começou a fazer outros trabalhos que para ele se confirmou que ela também seria uma artista. (ELIZABETH).

Iniciei minha vida artística ainda na infância, depois me utilizei da arte como meio de sobrevivência, e hoje consigo explorar a arte não como um subsídio financeiro e sim como forma de viver meu processo criativo e libertar minha

imaginação individual, buscando em minhas obras encontrar o entremeio entre arte, vida e o sentir:

Eu refletiria que o principal fator de distinção é imaginarmos as coisas intencionalmente. A vontade parece desempenhar importante papel no processo criativo e em toda a atividade humana. Já foi sugerido que não podemos nos dedicar com sucesso a uma atividade, sem antes tê-la imaginado. (ROBBINS, 1995, p. 111).

Imaginando, criando vou dando forma ao meu fazer a arte, transformando e inovando as formas como expor meu sentir, como expor meu viver, deixando a criatividade fazer o seu papel.

7 A TRANSFORMAÇÃO

Tento buscar na arte atingir meu objetivo que é representar meu pai em obras de arte, com isso cito a obra de arte “O olhar”, que retém sentimentos que resguardo de olhares e rostos que se escondem em minhas lembranças. Busco em minhas pesquisas e em meu processo criativo encontrar a liberdade para transmitir ao público o meu sentir e evidenciar a figura de meu pai, com esta afirmação coloco o que a professora de pintura Maria Marlene Milanese Just explicou em sala de aula “O artista plástico nada mais é do que ter a coragem de criar e inventar o novo para transmitir a sua mensagem de vida. É necessário ter muita coragem para transformar”, por isso busco sempre me motivar a encontrar novas formas de expor minha arte e tento trabalhar com materiais diversos seja eles reciclados, argila ou pintura.

“O olhar” é uma pintura que marca o início de minha transformação artística, transcrevendo para a tela a arte que me torna plena, e demonstrando nela a veracidade da arte que existe dentro de mim.

Figura 13 - Obra: “Meu olhar”, 2013.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O artista dialoga também com a obra em criação. Ele, muitas vezes, em meio à turbulência do processo, vê-se produzindo para a própria obra. Momentos em que percebe que está, por exemplo, “escrevendo para que o texto se torne verdadeiro”. Nesses momentos, fica claro que a futura obra justifica o processo. (SAM SHEPHARD, 1997 apud SALLES, 2009,p. 51).

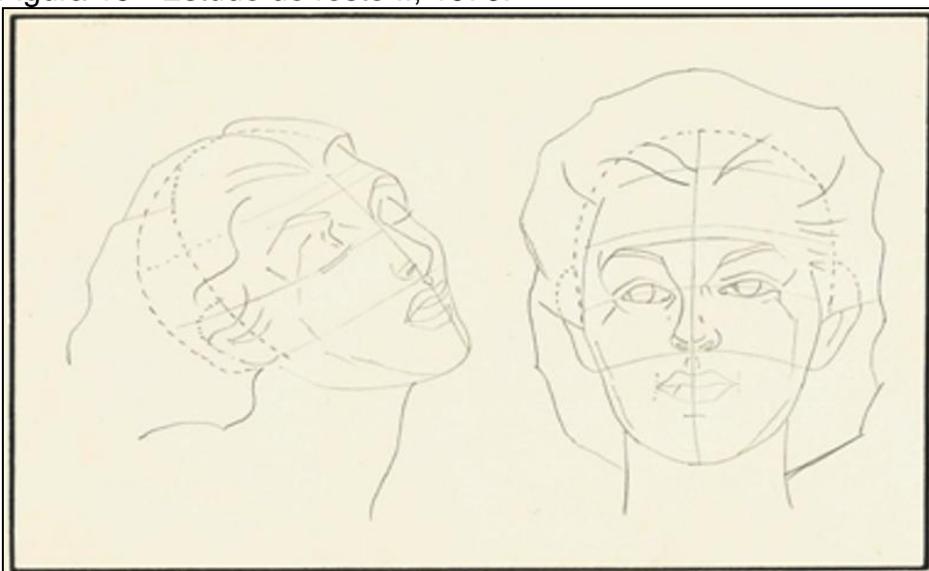
Minha pesquisa em arte para esta obra teve início nos acervos que minha mãe possui de meu pai, tendo como base os estudos dos corpos.

Figura 14 - Estudo do rosto, 1976.



Fonte: Elizabeth M. Silveira.

Figura 15 - Estudo do rosto II, 1976.



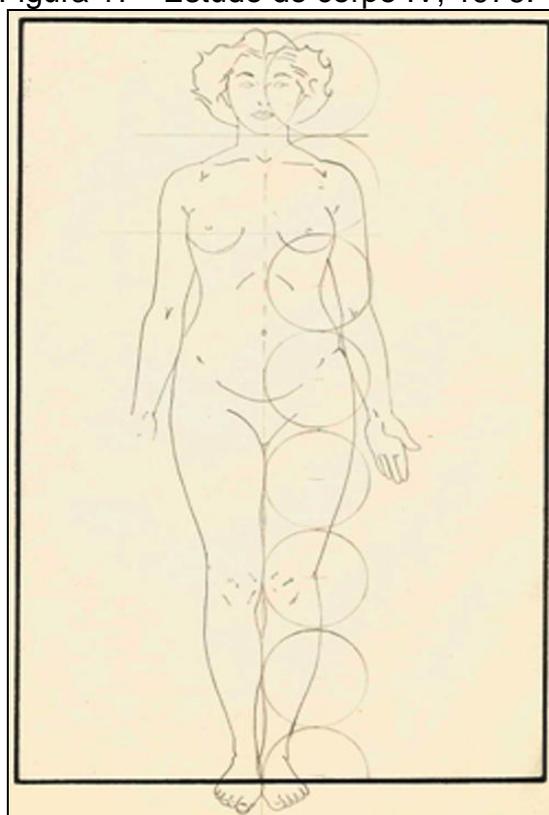
Fonte: Elizabeth M. Silveira.

Figura 16 - Estudo do corpo III, 1976.



Fonte: Elizabeth M. Silveira.

Figura 17 - Estudo do corpo IV, 1976.



Fonte: Elizabeth M. Silveira.

Este processo criativo me inspirou a desenvolver um arquivo com desenhos de faces humanas, o mistério que a arte exerce sobre nos é evidenciado em minha pintura. Mistério este que é minha busca constante para identificar o meu fazer artístico.

Minha transformação se dá ao longo de minha vida, sendo seu ponto alto “Identificação”, que revela meu orgulho e êxito por ter tido o privilégio de ter como protagonista, meu pai, o artista Zaqueu. Meu amor pela arte é a força que me motiva para buscar cada dia mais uma forma de viver intensamente a arte, de viver de arte:

Para definir mais corretamente a arte, faz-se mister renunciar e nela reconhecer apenas uma forma de prazer e considerá-la antes como uma das condições essenciais da vida humana. Sob tal aspecto a arte se apresentará a nós, de imediato, com um meio de comunicações entre os homens. (TOLSTOI, 1994 apud SALLES, 2009, p. 46).

Para mostrar essa comunicação que quero exercer entre a arte e meu público, demonstro na obra “identificação” o resgate da memória de meu pai.

A obra consiste em um material que talvez meu pai já usava, segundo relatos de minha mãe, que *Zaqueu aproveitava qualquer tipo de matéria para expor sua arte: “Tela, tinta à óleo, tecido, cartolina, papel vegetal, papel comum, enfim ele desenhava ou pintava em qualquer peça (material).” (Elizabeth Monteiro Silveira).*

8 PROCESSO CRIATIVO DA OBRA: “IDENTIFICAÇÃO”

Identificação é a obra que me realizou como artista fortificando meu vínculo de amor e afeição por meu pai.

Nesta obra utilizei placas de compensado, espelho d’água, tronco de árvore, bola de isopor, pedaços de espelho e bolinhas de gude. Busquei neste material um modo de experimentar novos meios de criar obras de arte, “[...] ora a arte é concebida como fazer, ora como conhecer, ora como um exprimir.” (PAREYSON, 2001, p. 21). Explorando com isso minha imaginação e a memória no meu processo criativo.

As cores que utilizei veem de encontro com a obra de meu pai “Sol da minha vida”, sendo que pinte as placas de compensado em degrade partindo do preto para o azul claro, revelando com este tom que o início do processo estava nebuloso, porém com a busca incansável e a pesquisa em Salles e todos os demais autores citados ao longo de meu processo de construção, foi se abrindo minha visão e chegando ao ápice de minhas memórias.

Estabeleci o azul claro por mostrar sutileza e mansidão, na bola de isopor sobrepus a cor dourada por esta ir de encontro com a obra de meu pai e revelar nesta cor valor de ouro que é a memória de Zaqueu, ainda sobre a bola de isopor são fixados pedaços de espelho que refletem o exterior da obra “Identificação” e para os curiosos reflète seu olhar curioso e minucioso mostrando o seu “EU” em busca de elucidar o que veem, deixando assim o público livre para interpretar o que seus sentimentos revelam ao observar a minha obra:

Qualquer olhar já traz consigo uma perspectiva específica e, necessariamente, não é idêntico ao objeto observado. No instante em que apreendemos qualquer fenômeno, já o interpretamos e naquele mesmo instante vivenciamos uma determinada representação. (SALLES, 2009, p. 94).

A obra contém também um quadro de vidro na parte inferior, novamente deixa o público livre, porém podendo tocar na obra movimentando-a para as laterais, pois o quadro de vidro encontra-se sobreposto em cima de bolas de gude que possibilitam o movimento do mesmo, o qual comporta a bola de isopor em seu interior e que se move acompanhando o balançar do quadro movendo-se com leveza e solta de amarras. “O trabalho criador mostra-se como um complexo

percurso de transformações múltiplas por meio do qual algo passa a existir.” (SALLES, 2009, p. 31), representando com isto minha libertação das cadeias de um passado obscuro no qual não podia ou não conseguia criar.

Figura 18 - Obra: “Identificação”, 2014.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Esta obra representa acima de tudo o amor que hoje cultivo pela liberdade de criação. Como suporte na parte inferior usei um tronco de árvore em forma de círculo representando o elo com a natureza que é minha principal inspiração, este suporte acolhe em si as estruturas em compensado, o espelho d'água, as bolinhas de gude e a bola de isopor.

Esta obra “Identificação” moveu minha transformação e desenvolveu meu ego, “Por necessidade, o artista é impelido a agir. Uma ação com tendência, certamente, complexa que se concretiza por meio de uma operação poética registrada nos documentos do processo.” (SALLES, 2009, p. 31). Estabeleci minha perseverança em criar e pesquisar sobre a natureza e faces humanas estabelecendo referências de minha memória para perpetuar para todo sempre o orgulho e amor que sinto por meu pai e o legado deixado por ele: “o amor pela arte”.

8.1 O ESPAÇO EXPOSITIVO E A OBRA: “IDENTIFICAÇÃO”

Como conclusão de todo o processo que envolve esta fase de produção textual e artística. Tivemos como propósito fazer uma exposição da nossa produção artística que foi produzida em paralelo com a pesquisa.

Todos os formandos do curso de artes visuais bacharel participaram da exposição que teve a abertura no dia 23 de junho de 2014, o local escolhido para esta exposição foi a Galeria de artes Octávia Gaidzinski localizada nas dependências do Teatro Elias Angeloni em Criciúma.

A importância deste espaço expositivo para nós formandos nos faz olhar para nossa produção e refletir a nossa trajetória enquanto acadêmicos, conforme nos relata O’Doherty (2002, p. 23) em seu livro: “A obra assim se destaca como uma coisa em si mesma e também contracenando com outros trabalhos de arte dispostos no mesmo ambiente, formando uma composição balanceada espacialmente”.

Minha obra ficou localizada no canto direito do espaço expositivo e tinha como intenção a interação do público com a mesma pois ela possuía uma caixa de vidro que podia ser movimentado por quem a observasse.

Figura 19 - Obra: “Identificação”, 2014.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Essa provocação que minha obra causava vem de encontro com o meu maior objetivo pessoal que era, como citado anteriormente, me libertar das minhas amarras no sentido da criação e sentir a leveza de ter uma produção realizada.

Figura 20 - Obra: “Identificação”, 2014.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Esse momento entre exposição, interação e libertação me fizeram refletir o quanto o papel da memória se tornou algo muito intenso que me fez mergulhar na minha originalidade e esse contato com meu “eu” me libertou de forma significativa e hoje posso perceber que não existem mais as amarras que oprimiam minha produção artística. “Quase sempre é como se não pudéssemos mais vivenciar coisa alguma sem primeiro nos distanciarmos dela emocionalmente.” (O’DOHERTY, 2002, p. 54). Sendo assim sinto-me livre, segura e mais aberta às fruições de minha imaginação.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito ao longo do trabalho, a busca da memória de meu pai resgata o meu início como artista, traz para o presente, indícios de acervos jamais esperados.

Então, aliando meu conhecimento adquirido em meu processo acadêmico, consegui unir as memórias de meu pai ao meu sentido artístico, encontrei com isto minha identidade tendo como base o acervo das obras de arte de meu pai, onde entrelaço a união da natureza com faces humanas resultando em obras que resplandecem o orgulho que tenho do artista “Zaqueu”.

Ao trazer a poética da memória para a linha de pesquisa sigo com a ideia de que as lembranças do passado servem de base para a construção, comportamento, e descobrimento de uma identidade artística presente na contemporaneidade.

Ao concluir este trabalho, acredito que desenvolvi meu olhar artístico e transformei meu processo criativo em algo que satisfaz minhas expectativas e me faz viver intensamente a arte.

Com a obra “Identificação” conclui meus sentimentos em relação a meu pai; sinto orgulho e êxito em representar a obra de arte de um artista tão querido para mim consegui resgatar minha memória e aprendi neste percurso a fazer uso dessas lembranças como meio de produção artística, fazendo com isto fluir o meu processo de criação, visando sempre o novo, a representação em obras de arte do sentimento de que meu pai ainda vive em mim como um ser supremo que renova minhas inspirações constantemente.

A poética envolta da obra me traz a leveza de um trabalho pronto, com sacrifício e choros, porém com o resultado desejado.

Desta forma pretendo continuar seguindo o conselho da professora Odete Calderan de seguir minha intuição e buscar nas minhas raízes os entrelaçamentos aliados a natureza e as memórias de minhas vivências.

Concluo com isto, que arte é viver, é acostumar-se ao diferente, e eternamente renovar a compaixão pelo prazer de fazer arte, e que o artista perdura em uma permanente transformação do seu “Eu”, tendo a arte como meio de liberdade e força para superar obstáculos que nos são impostos no nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA de Estudo da Mulher.** N. T. Português. Edição corrigida e revista – Fiel ao texto original, 1ª impressão. Belo Horizonte, MG: Ed. Atos, 2002. Cap. 1, vers. 21.
- CANTON, Katia. **Tempo e Memória.** São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2009 (Coleção temas da arte contemporânea).
- COCCHIARALE, Fernando. **Quem Tem Medo de Arte Contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2006.
- FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte.** Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1985.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico.** 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PASSOS, Mailsa; PEREIRA, Rita. **Identidade, diversidade: práticas culturais em pesquisa.** Petrópolis, RJ: DP et Alii. Rio de Janeiro: Faperj, 2009.
- ROBBINS, Lois B. **O despertar na era da criatividade.** São Paulo: Editora Gente, 1995.
- SALLES, Cecília Almeida. **O Gesto inacabado: processos de criação.** São Paulo: Annablume, FAPESP, 2006/2009.
- SILVA, Edna Lúcia da. MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.
- SOUZA, Ana Claudia de. **A produção dos sentidos e o leitor: os caminhos da memória** / Ana Claudia de Souza, Wladimir Antônio da Costa Garcia. 1. Ed. – Florianópolis: NUP/ CED/UFSC, 2012.
- VAREJÃO, Adriana. **Metáforas da memória.** Instituto Arte na Escola.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOBRE MEMÓRIAS DE MEU PAI: UM DIÁLOGO COM A ARTE



UNESC- UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO

NOME: CLAUDENISE MONTEIRO SILVEIRA

- 1 – Qual o material usado pelo Zaqueu na obra criada por ele? Esta obra em específico.
- 2 – O que estava acontecendo no ambiente familiar enquanto ele produzia esta obra?
- 3 – Qual o comportamento dele enquanto produzia? (trejeitos)
- 4 – Quanto tempo ele levou para terminar a obra?
- 5 – O que esta obra traz a sua memória?
- 6 – Onde andava ou ficava a Claudenise enquanto ele produzia a obra?
- 7 – Porque ele escolheu estas cores?
- 8 – Qual a preferência do material usado nas obras em geral? Por que?
- 9 – A senhora lembra qual a opinião dele em relação a obra pronta? E qual a sensação que ele sentiu?
- 10 – Qual a história sobre esta obra?
- 11 – Sabe se ele deu um nome a esta obra? Qual?
- 12 – Para você quem iniciou e quem terminou a obra em questão?(Espiritual – bom ou ruim)
- 13 – Que tipo de transformação você notou em relação a ele com respeito a essa obra?
- 14 – Qual a opinião e expressão da Claudenise ao ver a obra do pai pronta?
- 15 – Em sua opinião o que levou a Claudenise a se inspirar nesta obra em específico?
- 16 – Qual a opinião do seu marido em relação à arte, e o que ele tentava passar para os filhos? Por quê?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO

Estamos realizando uma pesquisa para o Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais – Bacharelado a **Sra. Elizabeth Monteiro Silveira** foi plenamente esclarecido de que participando deste projeto, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como problema:

Embora o (a) Sr (a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que o (a) Sr (a) poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. A coleta de dados será realizada por **Claudenise Monteiro Silveira** do curso de Artes Visuais -Bacharelado da UNESC e orientada pela professora Izabel Marcilio Duarte.

Para sua identificação dos dados na pesquisa, gostaria que você indicasse a forma que prefere:

Nome completo ()

Pseudônimo ()

Somente as iniciais do nome ()

Outras letras () _____

Criciúma (SC), junho de 2014.

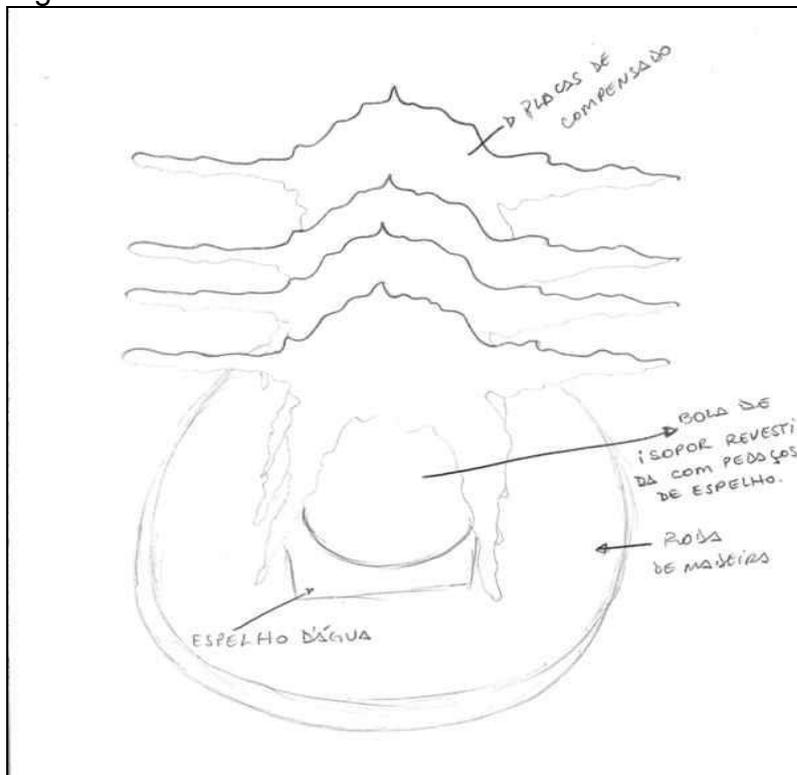
Assinatura do Participante

Assinatura do Acadêmico pesquisador

ANEXOS (S)

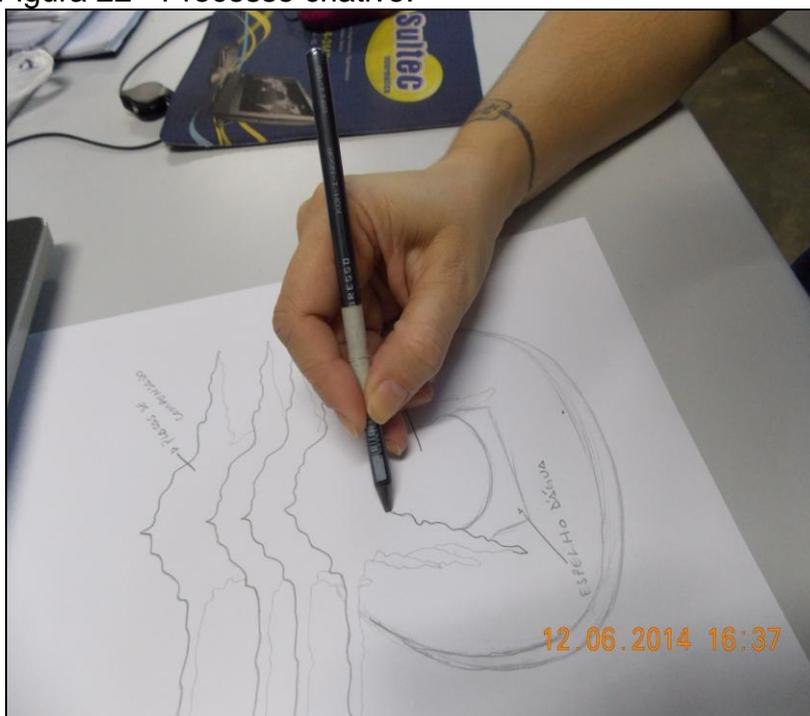
ANEXO A - PROJETO DA OBRA "IDENTIFICAÇÃO"

Figura 21 - Processo criativo.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 22 - Processo criativo.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Raquel me ajudando a cortar a madeira.

Figura 23 - Corte da madeira.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

MATERIAIS USADOS

Figura 24 - Chapas de compensado.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 25 - Tronco de árvore.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 26 - Pintura.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 27 - Vidro.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 28 - Isopor e espelho.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 29 - Bolas de gude.



Fonte: Acervo da pesquisadora.